



Câmara Municipal de Pirassununga

Estado de São Paulo

ENCAMINHE-SE AO SENHOR
PREFEITO MUNICIPAL

INDICAÇÃO

Nº 103/84

Sala das Sessões, 24/10/1984.

HJ / DM / AD
PRESIDENTE

Indico ao Senhor Chefe do Executivo, nos termos regimentais, que estude a possibilidade e a conveniência de ser dada a denominação de Antônio Duarte de Oliveira, a uma das vias públicas da cidade.

Sala das Sessões, 24 de abril de 1984.

Elias Mansur
- Elias Mansur

JUSTIFICATIVA

O saudoso Antônio Duarte de Oliveira, nascido em Valadares, Província do Porto, em Portugal, a 02 de dezembro de 1886, era filho de Joaquim Duarte de Oliveira/ e Maria Ricarda da Silva.

Na qualidade de imigrante, veio com a família para o Brasil, premido por necessidades econômicas, e aqui chegando no Domingo de Ramos, isto no ano de 1893.

Com seus pais, vinham igualmente seus avós maternos, além de quatro irmãos menores; mas chegando a Santos, e vindo para a capital de São Paulo, o surto da febre amarela que grassava naquela época, logo levava ao túmulo seus dois irmãos mais novos - José e Amélia - incluindo o avô, que, tentando o recomeço da vida na cidade de Sorocaba, de lá nunca mais derá notícias, falecendo, ao que souberam mais tarde, do mesmo mal que dizimava famílias e famílias no Estado de São Paulo.

Perturbados e sem saberem que rumo tomar, os restantes membros da Família Duarte de Oliveira, vieram, aconselhados por amigos, para a nossa cidade de Pirassununga, onde, logo no início de seus dias aqui, sómente tiveram deceções amargas, culminando com a morte de seus pais e da avó materna, também vitimados pela febre amarela, nos dias 30 e 31 de março de 1897. Foram sepultados no antigo cemitério do Laza-



Câmara Municipal de Pirassununga

Estado de São Paulo



Fls.02

(laza) - reto, onde, hoje, se localizam as dependências da Santa Casa de Misericórdia de Pirassununga e do campo de pólo do 2º Regimento de Carros de Combate.

De uma família de nove membros chegada ao Brasil, ficavam apenas três irmãos: Joaquina, com 13 anos, Antônio, o biografado, de 11 e Joaquim com 9 anos, os quais, não tendo parentes, perambulando pelas ruas da terra, desorientados, foram finalmente recolhidos à casa do patrício José Silva, e ali passaram por diversos meses, até o casamento de Joaquina com o português Bento Vieira da Fonseca, e levando em sua companhia o irmão mais novo, Joaquim.

O menino Antônio era admitido na fábrica de sabão de Joaquim Conceição, na Rua Duque de Caxias, atual, e ali também passou a residir. O patrão, em suas atividades de vida - comerciante-fazendeiro - por apreciar muito o novo e jovem empregado, levava-o a aprender o ofício de tanoeiro, com os vários profissionais portugueses que já ali se encontravam a seu serviço, no fabrico de obras novas e outras em consertos, a fim de atender aos seus negócios, com a fabricação de aguardente e seu/ armazenamento.

Aos dezessete anos, Antônio Duarte de Oliveira, empregava-se como foguista de máquinas, na velha Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Aos dezoito, casava-se com Regina Duarte de Oliveira, indo ambos residir na cidade de Porto Ferreira, sede de seu trabalho como ferroviário, onde nascia o primeiro filho, José, falecido aos 74 anos de idade, a 08 de junho de 1978. Permaneceram em Porto Ferreira pouco tempo, retornando a Pirassununga, onde, deixando as funções de foguista, instalava aqui a sua tanoaria, para trabalhar por conta própria.

Recém casado, tratava de instruir-se, pagando, de seu próprio bolso, as aulas de que tinha necessidade, na antiga Escola do Povo de Pirassununga, sendo aluno de Chico Mestre.

Por cinquenta anos consecutivos, exerceu a profissão de tanoeiro. E com a ajuda do filho mais velho, José, que o acompanhou durante toda sua existência, ambos de dedicaram, em todas as boas ou más horas, com alma e coração à indústria de obras novas, dos simples ancorotes aos grandes tonéis de madeira de até cento e cinquenta pipas - 7.500 litros - destinados a ar-



Câmara Municipal de Pirassununga

Estado de São Paulo



Fls.03

(ar-) mazenar a aguardante saída dos engenhos da terra e de todas as regiões do Estado de São Paulo, do Norte do Paraná e do Sul de Minas Gerais, com cujos aguardenteiros mantiveram relações de amizade e de negócios.

Centenas e centenas de obras grandes e pequenas saíram de sua oficina, nos fundos da casa em que residíamos, na Rua da Fábrica, a Mário Tavares, hoje, Siqueira Campos, cujo quintal, estendendo-se até à Graminha, na Ladeira Padre Felipe, daria, por meio século, enquanto ali existiu, vida nova e uma nova coloração àquele recanto esquecido da nossa Pirassununga, incluindo empregos e oportunidades a um sem número de profissionais e aprendizes no ramo da tanoaria, muitos dos quais, ao passar dos anos, como ele - Antônio Duarte de Oliveira - já são falecidos.

Homem de fibra incomum, que a passou para o companheiro inseparável, o filho mais velho, igualmente tanoeiro, que serviu a muito gente, em todos os cantos do Estado e regiões/atrás citadas, contribuindo, com sua luta e esforços, para o desenvolvimento do parque industrial de Pirassununga, até ao derradeiro dia em que permaneceu. E mesmo doente, insistindo em nunca/se entregar, chegava ao término de seus dias, a 26 de julho de 1959, com 73 anos de idade.

De natureza humildade, um desbravador de escol, chefe de numerosa família, pois fora pai de catorze filhos, se teve Portugal por pátria de sua origem, amava ardente mente a Pátria querida que o recebera, naquele Domingo de Ramos/ já tão distante de 1893. E eram sempre as suas palavras, que as pronunciava com ardor e grande ufania: "Quero muito mais este Brasil Querido, que a própria pátria em que nasci!"

Exemplo de perseverança, de amor ao trabalho, de honradez e de tenacidade para todos nós, seus filhos, e igualmente para tantos quantos o conheceram.

O Bem, seu maior objetivo, enquanto aqui, e que mais poderíamos nós, seus descendentes, almejar.

Justa, portanto, a homenagem ora proposta.

Sala das Sessões, 24/de abril de 1984.

- Elias Mansur -